

DA TEORIA À PRÁTICA: CONSTRUINDO SENTIDOS A PARTIR DE PRÁTICAS DE LETRAMENTOS ORAIS E ESCRITOS

AUTORAS:
ROSILENE FELIX MAMEDES
JÉSSICA GOMES LOBO
NADJA MARIA DE MENEZES MORAIS
MORGANA FARIAS DE LUNA
JÔSE PESSOA DE LIMA



Da teoria à prática:

Construindo sentidos a partir de práticas de letramentos orais e escritos

VOL 1

AUTORAS:

Rosilene Felix Mamedes

Jéssica Gomes Lobo

Nadja Maria de Menezes Morais

Morgana Farias de Luna

Jôse Pessoa de Lima

Publicação:



ISBN 978-65-5886-012-9



Capa e Projeto Gráfico: SAL DA TERRA

Direitos reservados à

**Sal da Terra e a
Contatos
Empreendimentos**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da editora.

© da edição: Editora Sal da Terra, João Pessoa, dezembro de 2020.

MAMEDES et al. Da teoria à prática: Construindo sentidos a partir de práticas de letramentos orais e escritos. Editora Sal da Terra. Vol.1. 2020.

COMISSÃO EDITORIAL

Dra. Veridiana Xavier Dantas

Ma. Rosilene Felix Mamedes

Esp. Vanderson Douglas

Esp. Nadja Maria de Menezes

COMISSÃO TÉCNICA

Kelly Dias Moura

Michele Teixeira Pontes

PREFÁCIO

A coleção da teoria à prática é resultado das vivências do Grupo de Estudo Rosilene Felix Mamedes, que atua há dez anos, com docentes, especialmente, da rede pública de ensino. Ao longo dessa trajetória o grupo vem produzindo conteúdo acadêmico em eventos científicos. Nesse sentido, dando continuidade ao frutífero trabalho do grupo, nasce a coleção “Da teoria à Prática” que tem como principal objetivo unir a teoria, de uma forma mais simples às práticas pedagógicas de atividades voltadas para discentes que estão em contexto de aprendizagem. Entendemos que a partir de 2017 com a nova BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR-BNCC, faz-se necessário que tanto os profissionais que estão à frente da missão de ensinar, bem como os pais/ responsáveis pelos discentes precisam de um olhar mais cuidadoso para os fins da aprendizagem significativa a partir de práticas pedagógicas orientadas e, sobretudo, direcionadas para que estes possam desenvolver as habilidades e competências dos discentes a partir de um dado objetivo. É nesse sentido, que a coleção “Da teoria à Prática” chega em 2021, com atividades programadas, esquemas didáticos e orientações de propostas desenhadas para que tanto o docente, como os pais ou responsável, ou até mesmo o discente possa desenvolver suas habilidades e competências, já que a atividade será toda norteada e guiada pelo fio condutor do princípio do ensino-aprendizagem.

Para isso, essa coleção será dividida em séries, com volumes bem definidos por tema. A primeira série será organizada em 04 (quatro volumes) que seguirão as temáticas: **Vol1: Da teoria à prática: construindo sentidos a partir de práticas de letramentos orais e escritos**- Este volume trará a teoria a partir da BNCC (2017), sendo guiada pela base teórica do Letramento e dos gêneros textuais para aluno em contexto de aprendizagem. Além disso, contemplará três seções: Letramento oral, letramento escrito e Letramento inclusão; **Vol2: Da teoria à prática- jogos e TIC'S em contextos de práticas de aprendizagem**- Este volume será destinado a desenvolver práticas de atividades pedagógicas com jogos e a partir das novas tecnologias educacionais, com uso de ferramentas educacionais que podem auxiliar no ensino-aprendizagem dos discentes. Este volume contemplará a educação a partir de propostas para os níveis fundamentais, com atividades de alfabetização, língua portuguesa, matemática e inclusão; **Vol3: Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes**- Para este volume será explorado propostas pedagógicas para

alunos surdos e ouvintes, a partir de atividades inclusivas que sejam resguardadas nos documentos oficiais para o ensino da Libras como L2.

Por fim, o **Vol4: categorias freirianas tecendo sentidos na EJA** em comemoração ao ano de Freire, o pai da EJA, trazemos o debate e vivências a partir de propostas pedagógicas e relatos de experiências de profissionais que trabalham com essa modalidade e ensino e vêm desenvolvendo projetos e atividades exitosas.

Os volumes **5- Da teoria à prática: jogos e TIC'S em contextos de práticas significativas de aprendizagem; 6 Da teoria à prática: Construindo sentidos a partir de práticas de letramento orais e escritos– construindo sentidos a partir de práticas de letramento oral e escrito** e o **7 Da teoria à prática: Educação, saúde e movimento-** foram destinados a temas voltados para a prática significativa de aprendizagem.

Já os volumes **8 Da teoria à prática: Desenvolvendo habilidades de leitura e escrita no Ensino Fundamental** e **9 Da teoria à prática: da formação do professor à prática pedagógica na aplicação do currículo e da avaliação**, desenvolvidos em 2021 deram continuidade a proposta de aliar a teoria à prática tendo como norte os temas leitura, avaliação e currículo.

Assim, convidamos a todos a passearem pela nossa coleção: Da teoria à prática e desfrutar de atividades realizadas por docentes que estão imersos no contexto de ensino-aprendizagem.

Tenham uma boa leitura e uma excelente prática pedagógica auxiliada pela mediação e a interação proposta pela obra.

Rosilene Felix Mamedes

Mestra em Linguística- PROLING-UFPB

Doutoranda em Letras- PPGL-UFPB

Diretora acadêmica da Contatos Empreendimentos Educacionais

04-12-2020

SUMÁRIO

OS RECURSOS PEDAGÓGICOS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	8
Morgana Farias de Luna; Jéssica Gomes Lobo; Jôse Pessoa de Lima; Nadja Maria de Menezes Morais	
ADAPTAÇÃO DE JOGOS PEDAGÓGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO PARA O COGNITIVO E MOTOR DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTAS	28
Nadja Maria de Menezes Moraes	
LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: METODOLOGIAS PRÁTICAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA.	46
Jéssica Gomes Lobo	

OS RECURSOS PEDAGÓGICOS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Morgana Farias de Luna

Jéssica Gomes Lobo

Jôse Pessoa de Lima

Nadja Maria de Menezes Moraes

Ementa:

Sabemos que a contação de história é uma prática pedagógica que contribui de forma significativa no desenvolvimento intelectual da criança, pois sua relação direta com a comunicação oral estimula a imaginação, aguça a sensibilidade, desperta emoções e trabalha sincronicamente o corpo e a mente. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo apresentar algumas técnicas e recursos didáticos para serem utilizados na contação de histórias. Para se contar histórias é necessário ter algumas habilidades, técnicas e qualificação do contador, para que os objetivos sejam alcançados. Como também indicar alguns autores e autoras de literatura infantil e algumas de suas respectivas obras.

CONTEÚDO: recurso pedagógico – contação de história

Objetivo geral:

- Apresentar alguns recursos didáticos utilizados na contação de história.

Objetivos específicos:

- Apresentar técnicas de como se iniciar e terminar uma contação de história.
- Indicar alguns autores de histórias infantis e suas respectivas obras.

Contação de histórias e os recursos didáticos

Com a contação de história é possível transmitir o conhecimento e estimular a imaginação das crianças. Nos últimos anos a contação de história ganhou espaço significativo nas salas de aula, pois é considerada uma boa estratégia para incentivar o gosto e o hábito de leitura, ampliar o vocabulário e os campos de conhecimento. É um grande exercício para a imaginação e criatividade.

As histórias infantis oportunizam à criança a tomar consciência de mundo através de uma metodologia prazerosa e interativa. Ao contar uma história para uma criança seus pensamentos fica por conta da imaginação contribuindo assim para o desenvolvimento de sua criatividade e expressão.

Abramovich (1995, p16) diz que “escutá-las é o início da aprendizagem para um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”

A contação de história traz muitos benefícios no aprendizado infantil, é uma ferramenta indispensável, pois abrange todos os campos de experiências da BNCC:

1- O eu, o outro e o nós

“É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem as suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de sociais e cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio.” (BNCC. p.36)

Sabemos que é comum as crianças terem dificuldades de se comunicarem por não entenderem seus próprios sentimentos. Sendo assim, a contação de história se torna uma aliada neste processo; pois através de narrativas que apresentem emoções e sentimentos de forma objetiva e lúdica para a criança, faz com que ela reflita, administre seus sentimentos e conseqüentemente conseguirá se expressar.

Na contação de história criamos oportunidades para que a criança interaja com o outro participando de relações sociais, estimulando a empatia através de histórias que envolvam, solidariedade, compaixão, amor, carinho, preconceito, sentimentos em geral. Histórias de outras culturas para compreender as diferenças

entre os povos. Ao ouvir essas histórias elas acabam percebendo a si mesmas e ao outro, respeitando o próximo e valorizando sua identidade e reconhece as diferenças entre nós seres humanos.

2- Corpo, gestos e movimentos

“Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem com o corpo suas sensações, funções corporais e, nos seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física.” (BNCC.p.36)

Existem várias histórias que envolvem o movimento do corpo. Durante uma contação é possível inserir a música, a dança, os gestos, as mímicas e produção de sons como por exemplo imitar as vozes dos animais numa história.

3- Traços, sons, cores e formas

“ Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos.” (BNCC. p. 37).

Na contação de história é possível trazer essa possibilidade instigando a imaginação. Através de ilustrações, desenhos e pinturas apresentados nos livros de histórias, principalmente nos livros não-verbais, onde a criança precisa observar com mais atenção aos desenhos, cores e formas que o livro apresenta. “Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que pode encantar aos de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e do olhador/ leitor” (Abramovich,p.33.1995).

4- Escuta, fala, pensamento e imaginação.

“Desde cedo, a criança manifesta desejo de se apropriar da leitura e da escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, gêneros, suportes e portadores. Sobretudo a presença da literatura infantil na Educação Infantil introduz a criança na escrita: além do desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo, a leitura de histórias, contos, fábulas, poemas e cordéis, entre outros, realizada pelo professor, o mediador entre os textos e as crianças, propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros”.(BNCC p. 38)

Este é um dos campos em que a contação de história é fundamental para que os objetivos sejam alcançados. É através da leitura de livros ou contação de história que é desenvolvido o saber oralidade, a imaginação, a reflexão e a criatividade.

Na contação de história também abre-se espaço para opiniões e troca de visões. Não é um ato apenas de recepção. Ao incentivar a criança a participar da história através de perguntas como por exemplo: O que será que vai acontecer agora? Você concorda com a atitude de tal personagem? Leva a criança a expressar seus pensamentos e opiniões contribui para o desenvolvimento da oralidade e estimula a criança a perder o medo de falar em público vencendo a timidez.

5- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações

“As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.). Demonstam também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) e o mundo sociocultural (as relações de parentesco e sociais entre as pessoas que conhece; como vivem e em que trabalham essas pessoas; quais suas tradições e costumes; a diversidade entre elas etc.)”. (BNCC p. 38)

Quando a criança ouve ou ler uma história estimula a memória e a identificação de alguns fatos narrados na história lida, comparando com sua vivência em ambiente escolar ou familiar. Permitindo assim, aprender a lidar com suas emoções, sentimentos e dificuldades presentes em suas experiências correlacionando-as com os fatos narrados.

Através da contação de história podemos instigar a curiosidade da criança contando histórias de outras regiões, outros países mostrando uma cultura diferente da nossa e assim possibilitando a construção de novos conhecimentos.

A contação de histórias abre as portas para que ocorra toda essa aprendizagem de forma significativa para a criança. Para isto se faz necessário escolher a história correta com atividades focadas no processo. É importante selecionar as histórias de acordo com a necessidade e faixa etária da criança. Devemos levar em consideração a idade da criança devido ao grau de entendimento que cada uma apresenta.

As crianças de 0 a 3 anos gostam de histórias que envolvam animais como protagonistas, contos de fada, histórias com os desenhos preferidos delas. Também é interessante envolver na história a própria criança, o papai, a mamãe, a vovó e outras pessoas de seu convívio.

Já as crianças de 3 a 4 anos vivenciam o realismo imaginário, onde a imitação representa a realidade. Gostam de histórias da vida real envolvendo crianças, família e comunidade, histórias acumulativas e de repetição, história de objetos e animais humanizados, improvisadas, rítmicas e rimadas.

Para as crianças de 4 a 6 anos, como já possuem uma capacidade de expressão verbal mais desenvolvida e maior tempo de concentração deve-se contar histórias da vida real, de repetição e acumulativa, como também com brinquedos e outros objetos humanizados e contos infantis com enredo simples.

Dos 5 aos 7 anos a criança já demonstra interesse em ler e escrever. Nesta fase é interessante ler para elas parlendas, poesias e trava-línguas pois já são capazes de brincar com palavras, sílabas e sons pois se encontram no período da alfabetização. Nesta fase se interessam por histórias mais longas e enredo simples. As histórias podem ser de vida real, acumulativas e de repetição, com muita ação, de animais, contos de humor, de exemplos e contos de fada com enredo simples,

As crianças maiores entre 8 e 9 anos se identificam mais com histórias que envolvam super-heróis e personagens fantasiosos, como príncipes e princesas, sereias, fadas, gnomos, bruxas, contos populares, histórias de aventuras. Nesta fase a criança embarca no mundo da fantasia.

Entre os 10 e 14 anos a criança entra na fase da abstração, é o período em que domina noções abstratas de tempo, número, espaço, semelhanças e diferenças. Começam a perceber o mundo real e passa a se interessar por histórias de atos heroicos, romances de aventuras e amor.

Para uma boa contação de história é necessário uma preparação. Não é simplesmente abrir um livro e ler. O contador deve conhecer previamente a história para se apropriar das características das personagens, dando vida às mesmas através do tom da voz, da expressão facial e corporal de acordo com cada situação. A entonação da voz, a expressão facial e corporal faz toda diferença, pois estimula a imaginação e o mundo da fantasia das crianças, tornando a história bem mais divertida. Podemos constatar isto quando Abramovich afirma que:

“Daí quando se vai ler uma história- seja ela qual for- para a criança, não pode se fazer de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante...E aí no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final quando aquela ideia continuava, deslizando. na página ao lado” (1995.p.20)

As histórias também podem ser adaptadas de acordo com faixa etária ouvinte. “Sabe aquela frase: “quem conta um conto aumenta um ponto”? Você nunca vai contar uma história exatamente como leu e ouviu, então fique à vontade para fazer mudanças e adaptações nas histórias que contar” (Livia Alencar). O importante é que quando for contar uma história que não for de sua autoria, informar ao público ouvinte o autor da história que está contando.

Exercícios para aprimorar o tom de voz, expressão facial e corporal.

Ler em voz alta a mesma frase em diferentes situações:

“**Hoje eu vou para a escola.**” Como se você estivesse: alegre, desanimado, com raiva.

“**Bom dia!**” Como se fosse para: seu chefe, um amigo, um bebê, um inimigo.

“**Sente-se!**” Como se fosse para: uma criança desobediente, uma pessoa idosa, um paciente numa sala de espera, um cachorrinho.

“**Venha pra cá agora senão...**” Como se estivesse: bravo, empolgado, assustado.

“**Nossa! Que comida gostosa!**” Como se você fosse: uma criancinha de 3 anos, uma pessoa idosa, um gigante, uma formiguinha, o lobo mau.

“**Pare! Não saia daqui.**” Como se você fosse: Um rei, uma bruxa, um fantasma, o papai Noel, uma fada.

Antes de começar a contar a história é necessário para chamar a atenção das crianças. Isto pode ser feito com dinâmicas de concentração, através de músicas com movimentos ou simplesmente uma frase de chamada como por exemplo: “Vou falar 1, 2, 3 e vocês falam comigo: Era uma vez...1,2,3 Era uma vez...”

Dinâmicas para começar a contação

Junta as duas mãos e com os dedos afastados canta a seguinte música:

Uma história (bate os polegares um no outro)

Vai começar (bate os dedos mínimo um no outro)

Com atenção (bate os indicadores um no outro)

Vou escutar (bate os dedos anelares um no outro)

Olê, olê, olê! Olê, olê, olá (cruza-se os dedos médios moviementand0-os) (2x)

(Kátia Pecand)

É hora da história, vamos sentar

A nossa historinha já vai começar,

Quem gosta de história levanta a mão,

Quem gosta de história levanta o pé.

Quem gosta de história mexe as mãos assim (balança as mãos 2x)

Quem gosta de história bate palmas pra mim (2x)

(Lívia Alencar)

Atenção! (bate palmas 3x) concentração! (bate palmas 3 vezes) vai começar (bate palmas 3 vezes) a contação! Pisssssssssssssiu! (faz o sinal de silêncio).

Agora chegou a hora!

A hora da contação!

Vou te contar uma história, do fundo do coração (duas x)

Olhinhos, boquinha, ouvidos prestem atenção! coloca as mãos nos olhos e na boca e nos ouvidos)

É hora do silêncio para ouvir a contação! (faz o gesto de silêncio)

(Kátia Pecand)

Vai começar a história, começar a contação. (batendo palmas)

Se prepare minha gente, abra o seu coração!

(Kátia Pecand)

Agora chegou a hora, a hora da diversão

Mas vamos fazer silêncio para a hora da contação! (faz o gesto de silêncio)

Vou fazer uma roda eu vou fazer,

Vou contar uma história pra você

(Vivi Dilkin)

Dinâmicas para terminar a história

Ao terminar a história pode-se falar as seguintes frases ou cantar uma melodia:

“Pirlim Pim Pim a história chegou ao fim”. (autor desconhecido)

“Entrou por uma porta saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” (aponta-se para um ouvido, depois o outro). (autor desconhecido)

“E a história chegou ao fim, quem gostou batam palmas pra mim”. (Lívia Alencar)

“Já terminou a história, já terminou a contação

Bata palmas minha gente, pois foi legal de montão!” (melodia da música: Eu entrei na roda) (Kátia Pecand)

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

O SACO DE HISTÓRIA



(arquivo pessoal da autora)

Em um saco com a frase escrita na frente: Era uma vez... coloca-se alguns livros dentro do saco e incentiva as crianças através de dicas, tentarem adivinhar qual será a história que sairá de dentro do saco.

Este recurso faz com que a criança fique curiosa para saber o que é que tem dentro do saco instigando assim a sua imaginação. Além do livro também pode colocar dentro do saco objetos que representem a história.

Material para confecção deste recurso:

- Dois metros de TNT
- EVA de diversas cores para ornamentar o saco.
- Pistola de cola-quente.

O DADO DE HISTÓRIA: História compartilhada



(arquivo pessoal da autora)

Em um dado coloca-se os desenhos de determinados personagens. Em cada lado sorteado vai introduzindo a personagem, dando continuidade a história. Com as crianças sentadas em círculo passa-se o dado para que cada criança jogue e dê continuidade à história de acordo com o personagem sorteado no dado.

Este recurso possibilita diversificar o enredo da história, sendo sempre uma surpresa a cada jogada do dado. Onde a criança precisa pensar rápido para dar continuidade ao que acabou de ouvir, tornando divertido a sequência da história.

Material para confecção deste recurso:

- Uma caixa de papelão.
- EVA de diversas cores para cobrir a caixa.
- Velcro para fixar as personagens.
- Pistola de cola-quente.

FLANELÓGRAFO



(arquivo pessoal da autora)

Inicia-se a história e no decorrer da narração vai colocando as personagens e outros adereços que aparecem no enredo.

Com este recurso, quem está contando a história consegue prender a atenção das crianças pelo fato “surpresa”. Eles ficam na expectativa de ver o próximo item a ser colocado no flanelógrafo. E no final da história todos querem manusear as peças e recontam a história com muita facilidade.

Material para confecção deste recurso:

- Uma caixa de papelão.

- Dois metros de feltro (azul e preto)
- Velcro ou lixa de parede para fixar os moldes das personagens.
- Cola de isopor.

FANTOCHES



(arquivo pessoal da autora)

Durante a contação da história apresentar fantoches dando voz e movimento a cada personagem.

Neste recurso o contador de história tem que dar ênfase à sua voz, lembrando que a entonação vocal é de suma importância para dar vida à personagem através do tom da voz. (cada personagem com um tom de voz diferente) Isto faz com que a imaginação da criança fique mais aguçada, auxiliando na sua concentração e interpretação da história.

A LOUSA:



(arquivo pessoal da autora)

Desenhar na lousa a cena principal da história e à medida que vai contando, desenha o restante do enredo da história.

Como se trata de um espaço amplo e pode ser visto por todos ao mesmo tempo, facilita a concentração. As crianças ficam ansiosas para saber o que vai ser desenhado em seguida. Outro fator positivo é que de acordo com a história as crianças também podem participar dando sugestões para o final da história.

OBJETOS E ADEREÇOS:



(arquivo pessoal da autora)

Contar a história utilizando alguns objetos e adereços para compor as personagens e os fatos ocorridos durante a história.

Utilizando objetos e adereços cria um clima de realismo, fazendo com que as crianças vivenciem a história de forma lúdica. E como sempre, prende mais a atenção durante a contação.

CAIXA SURPRESA



(arquivo pessoal da autora)

Apresentar a caixa com o livro da história que será contada dentro e dar dicas para descobrirem qual será a história.

Ao apresentar a caixa fechada com esta pergunta: Qual será a história? Já cria um clima de suspense e as crianças imediatamente entram no ritmo de uma contação de história. E à medida que o contador lança dicas do livro para adivinharem do que se trata a história fica mais emocionante o desfecho.

Material para confecção deste recurso:

- Uma caixa de papelão retangular
- Duas folhas de papel madeira
- Figurinhas e papel colorido para enfeitar a caixa.
- Cola branca.

CAIXA SURPRESA COM OBJETOS



(arquivo pessoal da autora)

Neste recurso o contador de história deve colocar dentro da caixa objetos variados para a criação de uma história. Tapa a caixa e vai retirando pelo orifício da parte superior da caixa (sem abri-la) os objetos que farão parte do enredo da história. A criança fica fascinada pelo fator surpresa pois não sabe qual será o objeto e terá que encaixá-lo na história dando continuidade aos fatos.

Material para confecção deste recurso:

- Uma caixa de papelão
- EVA de diversas cores para cobrir e enfeitar com alguns detalhes.
- Pistola de cola-quente.

Escritores e escritoras de literatura infantil

Ana Maria Machado



(Fonte: https://www.ebiografia.com/ana_maria_machado/)

Ana Maria Machado (1941) é escritora e jornalista brasileira. Autora de livros infantis foi a primeira desse gênero a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Foi eleita para a presidência da Academia para o biênio 2012/2013.

Algumas obras:

- Menina Bonita do Laço de Fita
- O Elefantinho malcriado.
- Dona Baratinha
- Um pra lá outro pra cá.
- Era uma vez três.

- Quem manda na minha boca sou eu.
- Dadinho Danda.
- Bisa Bia , Bisa Bel
- Camilão, o comilão.
- Mico Maneco.

Ruth Rocha



(Fonte: (https://www.ebiografia.com/ruth_rocha/)

Ruth Rocha (1931) é uma importante escritora brasileira de literatura infanto juvenil. É autora do Best-Seller “Marcelo, Marmelo, Martelo”. Foi eleita para a cadeira 38 da Academia Paulista de Letras.

Algumas obras:

- Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias.
- A Arca de Noé.
- Bom dia todas as cores.
- O Barba Azul.
- Romeu e Julieta.
- A Máquina Maluca.
- A primavera da lagarta.
- Nicolau tinha uma boa ideia.

- Reizinho Mandão
- Joãozinho e o pé de feijão.

Mary França e Eliardo França



(Fonte: <https://globoeditora.com.br/autores/biografia>)

Mary e Eliardo França formam um dos pares mais conhecidos da literatura infantil, sobretudo pela autoria da coleção *Gato e Rato*, dedicada especialmente à criança que está sendo alfabetizada. Mary França estreou na literatura infantil em 1973, com o livro *O menino que voa*. Em 1978, já em parceria com Eliardo, publicou os primeiros livros da coleção *Gato e Rato*, cujo texto vivo e lúdico e as belíssimas ilustrações já encantaram milhares de crianças brasileiras e estrangeiras.

Algumas obras:

- Coleção Gato e Rato
- Coleção Pingos.
- A boca do sapo
- A bota do bode
- Cacho de histórias
- Bicho-papão
- Galinha choca
- A roupa do Rei.
- Faz de conta.
- Hora de dormir

Monteiro Lobato



(Fonte: https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/)

Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. "O Sítio do Picapau Amarelo" é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a "Editora Monteiro Lobato" e mais tarde a "Companhia Editora Nacional". Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina.

Algumas obras:

- Dom Quixote das crianças.
- A reforma da natureza
- O Saci.
- Histórias das invenções.
- Caçadas de Pedrinho.
- O Picapau Amarelo
- A Cuca.
- O Poço do Visconde
- A chave do tamanho
- Memórias de Emília.

Irmãos Grimm



(Fonte: https://www.ebiografia.com/irmaos_grimm/)

Irmãos Grimm são dois irmãos alemães que entraram para a história como folcloristas e também por suas coletâneas de contos infantis. Jacob Ludwing Carl Grimm (1785-1863) nasceu em Hanau, no Grão-ducado de Hesse, na Alemanha, no dia 14 de janeiro de 1785 e Wilhelm Carl Grimm (1786-1859) também nasceu em Hanau, no dia 24 de fevereiro de 1786.

Algumas obras:

- João e Maria.
- Os sete corvos.
- O sapateiro de os Elfos.
- Os músicos de Bremen
- O pastor mentiroso e o lobo.
- Chapeuzinho Vermelho.
- A Bela Adormecida.
- Rapunzel.
- Branca de Neve e os sete anões
- A Gata Borracheira.

Jean de La Fontaine



(Fonte :https://www.ebiografia.com/jean_de_la_fontaine/)

Jean de La Fontaine (1621-1695) foi poeta e fabulista francês. Autor das fábulas, "A Lebre e a Tartaruga", o "Lobo e o Cordeiro", entre outras.

Jean de La Fontaine nasceu em Chateau-Thierry, na região de Champagne, França, no dia 8 de julho de 1621. Era filho de Françoise Pidoux e de Charles de La Fontaine, superintendente da guarda florestal e de caça real.

Algumas obras:

- A lebre e a tartaruga
- O leão e o rato.
- O lobo e o cordeiro.
- A cigarra e a formiga.
- O corvo e a raposa.

Considerações finais:

A contação de história é de suma importância no desenvolvimento da oralidade e aguça a imaginação, contribuindo para que a criança desenvolva o pensamento crítico e reflexivo. Por isso é importante que o educador tenha a consciência do valor que a contação de história tem para o processo ensino- aprendizagem e o quanto isso favorece no desempenho escolar dos alunos. Se faz necessário então uma capacitação por parte do educador no que se refere às técnicas utilizadas para a contação de história. Como também conhecer os tipos de histórias de acordo com a faixa etária do ouvinte para que os objetivos propostos na atividade desenvolvida com a leitura sejam alcançados. O

educador deve ter em mente que cotar história não é simplesmente abrir um livro e ler a história. É necessário se apropriar com antecedência do enredo e das personagens para que na hora da contação quem está contando dê vida às personagens através das expressões facial, corporal e da voz. Tornando encantador o momento da contação.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil, Gostosas e Bobices (Série Pensamentos e Ação no Magistério) ed. Scipione. 5ª edição. 1995.

BNCC

(http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)

(https://www.ebiografia.com/ana_maria_machado/)

(https://www.ebiografia.com/ruth_rocha/)

(<https://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=1578#:~:text=Mary%20e%20Eliardo%20Fran%C3%A7a%20formam%20um%20dos%20pares,em%20parceria%20com%20Eliardo%2C>)

(https://www.ebiografia.com/irmaos_grimm/)

(https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/)

(https://www.ebiografia.com/jean_de_la_fontaine/)

<https://www.youtube.com/channel/UCVjyDBzOE14dtiTWgmoOaMg> (canal do youtube- Kátia Pecand)

<https://cursodebncontacao.club.hotmart.com/lesson/NOwoVJp2Om/baixar-e-books> (Cotação de história Livia Alencar)

ADAPTAÇÃO DE JOGOS PEDAGÓGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO PARA O COGNITIVO E MOTOR DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTAS

Nadja Maria de Menezes Morais
Universidade Estadual Vale do Acaraú
E-mail: nadja.lah@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho objetivou buscar estratégias pedagógicas que possibilitassem as crianças a desenvolverem suas habilidades cognitivas e motoras a partir dos jogos e brincadeiras. Desse modo, trouxemos 6 sugestões de atividades lúdicas elaboradas com o intuito de auxiliar os mediadores, professores e pais, a intervirem de maneira divertida no processo educativo das crianças atípicas e neurotípicas. Nesse sentido, utilizar o jogo como ferramenta pedagógica possibilita e facilita o processo de inclusão das crianças. De acordo com Oliveira (2010, p. 71), “[...] a educação inclusiva é muito mais do que somente incluir as pessoas com necessidades especiais no ensino regular, mas, também, o ato de promover estratégias para que elas permaneçam e progridam no processo de aprendizagem e desenvolvimento.” Nesse contexto, buscamos a construção de um trabalho didático pedagógico que pudesse desenvolver a aprendizagens das crianças a partir dos recursos lúdicos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou contribuir através das estratégias didático pedagógicas com o processo de ensino e aprendizagem das crianças atípicas, ou seja, as crianças que possuem alguma deficiência, transtornos ou superdotação. No entanto, optamos por trazer propostas pedagógicas que favorecessem o desenvolvimento, cognitivo e sensorio motor das crianças, mas, sobretudo das crianças que estão dentro do Espectro do Autismo-TEA.

Desse modo, as propostas lúdicas através dos jogos, embora tenham sido pensadas para as crianças com TEA não se restringi a penas a esse universo, uma vez que sua

aplicabilidade poderá ser aproveitada para as crianças que não apresentam nenhuma deficiência. Nossa intencionalidade, aqui, é auxiliar os pais e professores com propostas metodológicas que desenvolvam a aprendizagem significativa.

Por isso, propomos com esta pesquisa, 6 jogos que visam intervir de maneira divertida no processo educativo para ampliar e aprimorar as diferentes habilidades das crianças, principalmente, com eficiência no aprendizado da linguagem por meio das interações sociais com o outro e com a apresentação do nosso sistema alfabético de maneira lúdica.

Nesse sentido, utilizar o jogo como ferramenta pedagógica possibilita e facilita o processo de inclusão das crianças. De acordo com Oliveira (2010, p. 71), “a educação inclusiva é muito mais do que somente incluir as pessoas com necessidades especiais no ensino regular, mas, também, o ato de promover estratégias para que elas permaneçam e progridam no processo de aprendizagem e desenvolvimento.”

Sabemos que o processo de inclusão no país vem sendo discutido a várias décadas, mas, ainda assim, estamos engatinhando em propostas práticas que façam a ponte entre a teoria x prática. Muitas famílias não sabem quais meios utilizarem para ensinar uma criança autista, principalmente, se esta criança não apresenta a fala de modo funcional.

Por isso, devemos esclarecer que para se ensinar algo a alguém precisamos primeiramente fazer o que chamamos de linha de base, isso significa dizer, que precisamos antes de propor qualquer atividade fazer uma avaliação diagnóstica para investigar os conhecimentos prévios das crianças. No caso da aprendizagem do alfabeto é necessário investigar os pré-requisitos que antecedem a decodificação do grafema (identificação da letra), ver se a crianças já possui noção de: frente, atrás, em cima, abaixo, antes, depois...caso ela não possua é preciso ensinar os pré-requisitos antes, para assim ensinar o repertório do alfabeto.

Outro ponto importante neste estudo refere-se aos procedimentos metodológicos e à análise de dados discutidas a partir das propostas de atividades como: os jogos das rimas, do jogo caça palavras silábico, caixa sensorial, massinha caseira, pescaria das letras.

Logo, este estudo se fundamentou a luz de alguns estudiosos da área de inclusão como, por exemplo, Mantoan (2003), Oliveira (2010), Deliberato (2006). Esperamos que a partir da discussão possamos auxiliá-los no processo de ensino e aprendizagens dos vossos filhos, parentes ou educandos. A seguir optamos por colocar os objetivos gerais

Da teoria à prática: Construindo sentidos a partir de práticas de letramentos orais e escritos

e específicos das propostas didáticas fora da introdução por entendermos que assim, a visualização ficaria mais compreensível aos olhos dos pais e responsáveis pelas crianças.

Feita esta introdução é hora de mãos à obra.

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A IMPORTANCIA DOS JOGOS PARA O ENSINO DAS HABILIDADES MOTORAS E COGNITIVAS DAS CRIANÇAS

Partindo do pressuposto que os jogos pedagógicos são ferramentas poderosas para facilitar a aprendizagem das crianças, principalmente daquelas que apresentam dificuldades ou algum tipo de transtorno de aprendizagem, discutiremos sobre a temática da importância dos jogos como recuso potencializador para a diminuição da exclusão das pessoas com algum tipo de deficiência, além de refletirmos acerca do processo de ensino e aprendizagem.

Diante do exposto começaremos dizendo que o brincar através dos jogos têm uma representatividade importante na primeira infância, uma vez que, por meio da espontaneidade, a criança se organiza, organiza suas atitudes durante as brincadeiras suas as estruturas cognitivas, psicomotoras socioemocionais.

Em uma atividade lúdica, estamos plenos, inteiros nesse momento. Enquanto estamos participando de uma atividade verdadeiramente lúdica, não há lugar para outra coisa além dessa atividade. Não se tem divisão, se está inteiro, pleno, flexível, alegre, saudável [...] (LUCKESI, 2005 apud SILVA, 2011, p.17).

Sabemos que são inúmeros os desafios encontrados pelas famílias e educandos com deficiências referentes às experiências de inclusão nos diferentes contextos sociais, por isso as atividades feitas através dos jogos podem ser mais uma forma de possibilidade das crianças se desenvolverem de forma mais autônomas.

Assim, por meio da mediação intencional dos professores, familiares ou cuidadores feito através de instrumentos físicos e da linguagem é possível que aconteça aprendizagem e o aprimoramento das habilidades dos alunos que apresentam alguma deficiência.

O desenvolvimento da criança com deficiência é, ao mesmo tempo, igual e diferente ao da criança normal. As leis de desenvolvimento são as mesmas, assim como as metas educacionais. Por outro lado, para se desenvolver e se educar, ela precisa de certas condições peculiares [...] Logo, caminhos alternativos e recursos especiais não são peças conceituais secundárias na compreensão desse desenvolvimento (GÓES, 2002, p.105-6).

Os jogos adaptados precisam ser elaborados conforme a necessidades dos educandos, pois conforme suas limitações, nem sempre o mesmo conteúdo servirá ou será assimilado por todos da mesma forma. Dentro dos espaços escolares devemos ter conhecimento sobre as especificidades de cada aluno com deficiência.

A escola tem um papel social muito importante com relação ao processo de inclusão, não nos cabe mais um ambiente excludente, com uma visão reducionista e determinista, pelo contrário a escola precisa pensar e discutir sobre as variantes que impedem a inclusão destas pessoas.

De acordo com Mantoan (2003, p.13):

Os sistemas escolares também estão montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças. A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar para produzir a reviravolta que a inclusão impõe.

Desse modo, a escola e a sociedade precisam se capacitar, ter mais acesso informações sobre como fazer os direitos estabelecidos e garantidos por lei acontecerem dentro desses espaços educativos, haja vista que tais capacitações poderão ajudar no processo de inclusão das pessoas com deficiência.

Para Mantoan (2003) diz que, “raramente se analisa “o que” e “como” a escola ensina, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, evasão, discriminação, exclusão, enfim”. Ainda para a autora:

[...] todos nós, professores, sabemos que é preciso expulsar a exclusão de nossas escolas e mesmo de fora delas e que os desafios são necessários, a fim de que possamos avançar, progredir, evoluir em nossos empreendimentos. É fácil receber os “alunos que aprendem apesar da escola” e é mais fácil ainda encaminhar, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e, sendo ou não deficientes, para os programas de reforço e aceleração. Por meio dessas válvulas de escape, continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar. Estamos habituados a repassar nossos

problemas para outros colegas, os “especializados” e, assim, não recai sobre nossos ombros o peso de nossas limitações profissionais (Mantoan, 2003, p.15).

Dessa forma, entendemos que para evoluímos com o trabalho inclusivo, devemos primeiramente nos mobilizar para adquirirmos um grau maior de conhecimento sobre o assunto, para que haja uma diminuir com relação a marginalização das pessoas com deficiências nos espaços comuns a todos, bem como dentro dos ambientes escolares.

Conforme Deliberato (2006, p. 04):

[...] Vários podem ser os sistemas alternativos para comunicação. A criança ou jovem pode usar um tabuleiro de comunicação que contenha símbolos gráficos como fotos, figuras, desenhos, letras, palavras e sentenças, e construir sentenças ao apontar para fotos, desenhos ou figuras estampadas, de modo a se fazer entender no ambiente escolar e social. Há ainda sistemas que utilizam tecnologia avançada, como os sistemas computadorizados e softwares específicos.

Outro ponto importante para refletirmos é justamente referente a citação supra citada por Deliberato (2006), pois percebemos que a comunicação entre as pessoas ocorre através das interações sociais. Sabemos que em algumas deficiências podemos encontrar uma limitação maior neste campo, pois muitas crianças apresentam dificuldade justamente na comunicação, como é o caso das crianças com autismo.

No entanto, de acordo com Deliberato (2006), é possível através de alguns recursos da comunicação alternativa e suplementar ampliar a inclusão social dessas crianças, bem como melhorar sua autonomia para fortalecer sua qualidade de vida.

Para uma melhor compreensão sobre as propostas metodológicas decidimos colocar fora do texto introdutório os objetivos gerais e específicos que nortearam o nosso trabalho, assim o leitor conseguirá ter uma visão melhor sobre cada intencionalidade proposta a partir dos jogos pedagógicos.

GERAL E ESPECÍFICOS

Geral:

- Analisar e compartilhar práticas metodológicas através dos jogos adaptados para o ensino e aprendizagem das crianças autistas.

Específicos:

- Explorar por meio dos jogos de rima a consciência fonológica das crianças, bem como despertá-las para o processo de leitura formal.
- Fazer com que a criança estabeleça relações entre as palavras e figuras, fazendo as rimas correspondentes.
- Aprimorar a coordenação motora fina
- Estimular a percepção viso motora
- Oportunizar a criança ao contato com as diferentes texturas
-

CONTEÚDO:

- Consciência fonológica
- Coordenação motora fina
- Identificação das letras do alfabeto
- Trabalhando a escrita do nome próprio

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para o estudo optamos em realizar uma pesquisa bibliográfica esse tipo de pesquisa para Lakatos e Marconi, é o ponto de partida para a construção de um trabalho científico, conforme os autores este estudo possibilita “[...] um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (Lakatos & Marconi 2003, p.157). É, também de natureza qualitativa que de acordo com (Ludke & Andre, 2013), “os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo”.

Como procedimento didático metodológico escolhemos trabalhar com cinco jogos pedagógicos que consideramos essenciais para o desenvolvimento das habilidades motores e cognitivas dos alunos. Esses jogos ajudam as crianças a estabelecerem suas relações com o mundo.

1 PROPOSTA DE ATIVIDADE

Jogo das rimas

Como jogar:

1 momento:

- O adulto ou professor seleciona as imagens que gostariam de trabalhar;
- Distribuir a cartela para a criança e em seguida solicite que faça o recorte das palavras;
- Cole junto com a criança o velcro na parte de trás dos cartões

Figura 01: Jogo das rimas



Fonte: recurso elaborado pela pesquisadora

- O adulto deverá junto com a criança organizar o ambiente para começar a dinâmica;
- Em seguida deverá apresentar o modelo do jogo a criança falando em voz alta: *panela rima com?*
- Após feita a pergunta o adulto deverá esperar a criança procurar, apontar ou falar a resposta
- Finalize a atividade com a criança preenchendo a cartela com as palavras e gravuras.



Fonte: elaborada pela pesquisadora



Você sabia

Que Platão um filósofo da década de (427 – 347 a.C) já apontava para a relevância de se aprender brincando, para ele tal prática repercute na formação humana, ou seja contribui para a formação da personalidade da criança, e por isso, deveria ser supervisionada pelos adultos como garantia de conservação das leis e das virtudes.

Recursos Materiais utilizados:

- Imagens retiradas da internet
- Computador para fazer a estrutura do jogo
- Papel A4

- Impressora
- Cola branca
- Velcro

2 PROPOSTA DE ATIVIDADE

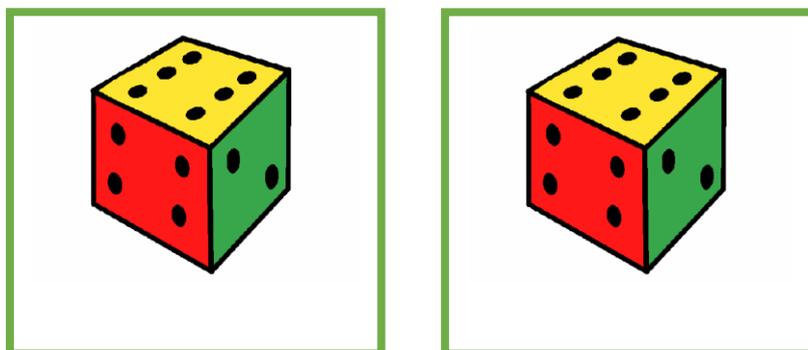
A segunda proposta de jogos didáticos que elencamos trata-se do jogo caça palavras silábico. Com este jogo ampliamos a consciência fonológica, as habilidades motoras, a atenção.

Como jogar:

1 momento

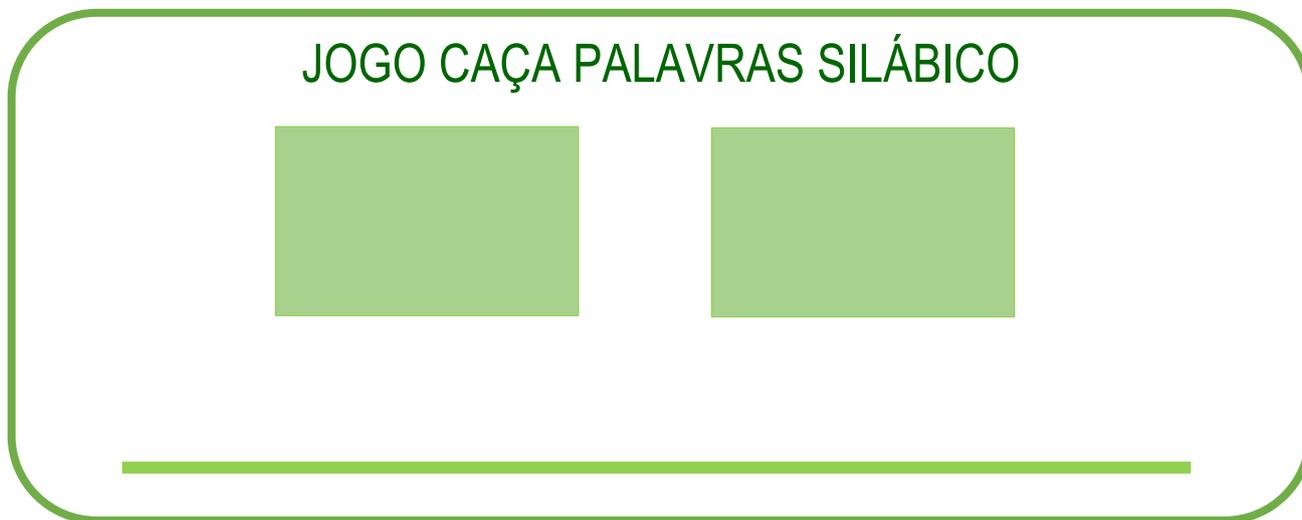
- Para começar o jogo o adulto ou professor deverá colocar na mesa diferentes pedacinhos de cartões contendo as figuras e sílabas encontrados no modelo exposto;
- Fale uma palavra que esteja nos cartões e peça que a criança procure, se o aluno for auto funcional você deve colocar o cronômetro para a brincadeira ficar mais emocionante;
- Conclua pedindo que ela escreva as sílabas encontradas, neste momento você, também, poderá enfatizar quantos pedacinhos ela encontrou em cada palavra que formou. Para esta proposta metodológica trouxemos apenas 2 exemplos que servirão de inspiração para as suas produções em casa ou na escola.

Figura 03: Jogo caça palavras silábico



Fonte: recurso elaborado pela pesquisadora

Figura 03: Jogo caça palavras silábico



Fonte: recurso elaborado pela pesquisadora

Figura 04: Jogo caça palavras silábico



Fonte: recurso elaborado pela pesquisadora

Figura 04: Jogo caça palavras silábico



Fonte: recurso elaborado pela pesquisadora

As estratégias pedagógicas quando, planejadas, preparadas e estruturadas em um ambiente adequado possibilita grandes aprendizagens. Por isso, corroboramos com a ideia da autora Kishimoto (1994, p. 139), “o lúdico desempenha um papel de grande relevância para desenvolver o ser humano inteiro com suas cognições, afetividades, corpo e interações sociais.

Recursos Materiais utilizados:

- Papel A4
- Velcro
- Cartolina ou papel paraná
- Cola branca
- Lápis de hidrocor

3 PROPOSTA DE ATIVIDADE

Caixa sensorial

1 momento

- Inicie apresentando as letras do alfabeto para a criança, mas não todas no mesmo dia. Apresente aos poucos, no máximo 5 por dia, isso é uma sugestão. O importante é que o adulto antes de propor esta atividade faça uma análise para saber em qual nível da escrita a criança está.
- Dando sequência apresente uma por vez na posição correta e peça para ela passar a mão por cima das letras em EVA, peça que sinta a textura;
- Peça para a criança grafar dentro da caixa de areia com seu dedinho as letras do alfabeto, caso ela perceba que errou é só pedir que apague com as próprias mãos e tente escrever novamente.

Figura 05: Caixa sensorial montessoriana



Fonte: acessado em: <http://montessoriefamilia.blogspot.com>

2 momento

Ainda com o mesmo recurso o professor poderá proporcionar uma estratégia acrescentando uma pinça ou pegador para que a criança possa encontrar e pegar os objetos escondidos debaixo da areia. A intencionalidade agora é trabalhar força, concentração e a motricidade fina. Dica para esta atividade: utilize os brinquedos que a criança mais gosta

Figura 06: Caixa sensorial montessoriana



Fonte: acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=hvlbmDiPZ6Q>

Você sabia



No século XIX, a médica italiana Maria Montessori desenvolveu um método de ensino para trabalhar com as crianças com deficiências, ela defendia que o ambiente preparado, o adulto preparado, se tem uma criança equilibrada. Em sua teoria podemos observar que o desenvolvimento cognitivo passa pelas mãos das crianças. Elas precisam aprender a decodificar o mundo através do pilar “aprender fazendo”.

Recursos Materiais utilizados:

- letras em EVA
- recipiente de plástico ou caixa de sapato
- areia colorida
- pegador de macarrão
- pegador

4 PROPOSTA DE ATIVIDADE

Massinha caseira

Sabemos que algumas crianças apresentam hipersensibilidade a texturas, principalmente as crianças que estão dentro do espectro do autismo. Pensando nisto elaboramos uma atividade que contribui para a diminuição desta sensibilidade.

Como jogar:

1 momento

- Prepare o ambiente colocando todos os ingredientes e recipientes;
- Junto com a criança misture todos os ingredientes (menos o corante), misture até ela desgrudar da mão;
- Separe a massa em quantidades de cores que você escolher;
- Em cada pedacinho coloque uma cor.

Figura 07: Atividade com massinha caseira



Fonte: <https://www.casapraticaqualita.com.br>

2 momento

Deixe que o educando solte a imaginação e crie suas esculturas. Ofereça palitos de picolé, fósforos, canudos e deixe a criança livre para escolher. Ao terminarem a brincadeira, guarde as massinhas em um pote ou envolva-as num plástico, para não ressecarem.

Recursos Materiais utilizados:

- 2 xícaras de farinha de trigo;
- 1/2 xícara de sal; 1 xícara de água;
- 1 colher de óleo;
- 1/2 colher de vinagre;
- Corante comestível.

5 PROPOSTA DE ATIVIDADE

Pescaria das letras

Como jogar:

1 momento

Esta é uma atividade que toda criança gosta de brincar. Então, prepare o ambiente colocando a bacia com água, a anilina e as letras móveis em EVA. Em seguida a criança com o pegador em mãos deverá começar suas tentativas para pegar as letras que formam seu nome.

Figura 08: Atividade Pescaria das letras



Fonte: <https://psicosol.com>

2 momento

Após a criança ter pescado as letras que formam seu nome, o adulto ou professor poderá solicitar que ela forme outras palavras a partir da formação do seu nome. Em seguida poderá concluir pintando ou desenhando as palavras construídas no caderno ou em folhas A3.

Recursos Materiais utilizados:

- letras em EVA
- recipiente de plástico com água
- pegador de macarrão
- anilina (se quiser)
- folhas A3

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como instrumento para análise de dados, selecionamos cinco jogos pedagógicos, baseados nas propostas da autora Montessori, que fala sobre a importância do jogo para além, dos teóricos como Mantoan, Manzini e Deliberato (2004, 2006), que trazem a concepção de inclusão escolar e social através dos recursos da comunicação alternativa.

O primeiro se refere ao **jogo das rimas**, analisamos que este recurso possibilita as crianças neurotípicas ditas “normais” e atípica aquelas crianças com algum tipo de deficiência, a terem a mesma oportunidade de aprendizagem a partir desse jogo inclusivo.

Dessa forma o jogo de rima, por ser um jogo que a criança aprende fazendo ela tem a oportunidade de aprimorar sua consciência fonológica, bem como estimula sua capacidade de comunicação interativa. De acordo com os autores Manzini e Deliberato (2004), podemos utilizar “vários sistemas alternativos para comunicação, tais como um tabuleiro de comunicação que contenha símbolos gráficos como fotos, figuras, desenhos, letras, palavras e sentenças”. Isso, amplia e potencializa as possibilidades comunicativas entre professores e alunos.

A segunda proposta didática trata-se do jogo **caça palavras silábico**. Observamos com este jogo que podemos ampliar nas crianças a consciência fonológicas, as habilidades motoras, a atenção. Por isso, corroboramos com a ideia da autora Kishimoto (1994, p. 139), “o lúdico desempenha um papel de grande relevância para desenvolver o ser humano inteiro com suas cognições, afetividades, corpo e interações sociais.

Os três últimos jogos por se enquadrarem como recursos que envolvem e trabalham com as questões sensoriais optamos em analisá-los a luz da visão de Montessori, pois sua proposta para o ensino e aprendizagens das crianças, deve perpassar pelo ambiente estruturado, professor preparado e criança equilibrada. Este jogo proporciona as crianças aprenderem conceitos matemáticos, conceitos de língua

portuguesa entre outras áreas do conhecimento. Pois, com o recurso da caixa sensorial, pescaria e a construção da massa de modelar podemos apresentar qualquer conceito básico a partir das diferentes texturas.

[...] devemos ter em mente: dar a liberdade à criança não é abandoná-la a si própria ou negligenciá-la. Nossa ajuda não deve se tornar uma passiva indiferença às suas dificuldades. Ao invés disso, devemos acompanhar esse crescimento com uma vigilância prudente e afetuosa (MONTESSORI, 1965, p.37).

Nas nossas pesquisas sobre o método montessoriano analisamos que para a autora o processo de ensino e aprendizagem de uma criança deve perpassar por adultos preparados sejam eles professores, familiares ou cuidadores. Essa preparação deve levar em consideração as especificidades dos aprendentes, respeitando as potencialidades e limitações das crianças.

Logo, observamos, a partir das análises feitas sobre os cinco jogos pedagógicos que a ação pedagógica executada pelos pais, professores ou responsáveis deve ter um cunho organizacional, planejado e adaptado para a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão teórica sobre a adaptação de jogos pedagógicos para o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças com transtorno do espectro autistas nos possibilitou uma melhor compreensão sobre como podemos acessar estas crianças por meio das práticas adaptadas através dos jogos pedagógicos.

Observamos com o estudo que o ato de brincar é algo sério dentro do universo infantil, pois as crianças compreendem o mundo que a cerca através da ludicidade. O brincar sensibiliza e aprimora a coordenação motora, a criatividade, a imaginação e o processo de aprendizagem das crianças, sendo elas deficientes ou não.

Este trabalho trouxe uma reflexão sobre a importância dos jogos como recurso potencializador para o processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Sabemos que ainda é preciso muita discussão e informação para superar os desafios que é ensinar as crianças com deficiências, sobretudo, as que estão dentro do espectro autista, pois na

realidade a maioria das pessoas por desconhecerem o universo das práticas inclusivas não sabem como torná-las acessíveis no dia a dia das pessoas com deficiências.

Por isso, essa pesquisa se tornou importante para que pudéssemos dialogar com os leitores sobre como usar algumas propostas metodológicas através dos jogos para potencializar a aprendizagem de qualquer criança em fase de desenvolvimento humano. Isso implica em dizer que a preparação das brincadeiras e jogos devem ter intencionalidade, objetividade e estruturação organizacional do ambiente.

Desse modo, verificamos que as construções dos jogos adaptados precisam atender as necessidades das crianças, logo os professores, os adultos ou familiares devem fazer uma avaliação sobre o conhecimento prévio dos aprendentes, para que assim possam adaptar a realidade de cada sujeito dentro da sua singularidade. Para termos base no que ressaltamos, nos fundamentamos na concepção de Montessori (1965, p. 201) quando fala sobre “[...] condições do ambiente que favoreçam a aparição dos caracteres normais que estejam ocultos na criança; para tal fim, basta apenas, afastar os obstáculos”. Por isso, independentemente da escolha metodológica a ação educativa deve considerar esse aporte teórico.

REFERÊNCIAS

Deliberato, D. Comunicação alternativa: informações básicas para o professor. Org. Oliveira, Anna Augusto Sampaio. **Inclusão escolar: as contribuições da educação especial**. 1º ed. São Paulo. (2006).

GÓES, M. C. R. de. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: **contribuições da abordagem histórico-cultural**. São Paulo: Moderna, 2002, p. 95 – 114.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo. Thomson Learning, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O Lúdico na Prática Educativa**. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, 1994.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MONTESORI, Maria. **Pedagogia Científica: a descoberta da criança**. Trad. de Aury Azélio Brunetti. São Paulo: Flamboyant, 1965.

LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: METODOLOGIAS PRÁTICAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Jéssica Gomes Lobo
Universidade Federal da Paraíba
jgomeslobo@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo apresentar metodologias práticas voltadas ao letramento na primeira infância na Educação Infantil, tendo em vista a iniciação das crianças na escola e todo o processo educacional do ler e escrever nos primeiros anos de vida demanda ao professor uma atenção maior no cuidado do educar. Considerando que essas crianças precisam de acompanhamento para uma progressão de todo um contexto educacional que dará continuidade por toda a Vida, sendo assim o letramento é uma condição em que vive a pessoa que não sabe só ler e escrever, porém apresenta um contexto sócio-histórico, como também hábitos sociais de leitura e escrita em torno do lugar em que vive. Esse trabalho mostra práticas realizadas em uma turma de crianças de 5 anos que auxiliará aos professores da Educação Infantil na condução em sala de aula no desempenho de atividades. Com isso, observou-se que houve progressão no que tange aos aspectos do reconhecimento das imagens, descoberta da escrita em metodologias bem diferentes e eficazes. Sugere-se adaptações para as crianças na primeira infância, atividades acompanhadas pelos professores para a observação do crescimento durante o ano letivo, assim como, possibilitar capacitações aos professores. Na prática, em sala de aula, são mencionados métodos de ensino aos professores para que essa condução seja possível, um trabalho de grande importância do professor, família e toda a equipe pedagógica.

CONTEÚDO

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas é completamente diferente introdução da prática da leitura e da escrita, inserir no dia a dia desde do início da aquisição da linguagem nas idades iniciais, é de fundamental importância as crianças se habilitarem dessa capacidade textual desde pequenas, observa-se que certas pessoas por seu contexto social, econômico e familiar tiveram dificuldades que criaram barreiras para a vida futura. O hábito das pessoas de não ler livros, jornais, revistas; sentir dificuldade em escrever um telegrama, uma carta que hoje em dia é raro, utilizamos o envio de e-mail que também precisa ser bem redigido.

O letramento, no que lhe diz respeito, enfatiza aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Dessa forma, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é

alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social. (TFOUNI, 1995, p. 09).

OBJETIVOS

Geral

- Apresentar metodologias práticas voltadas ao letramento na primeira infância na Educação Infantil.

Objetivos específicos

- Realçar a importância do professor no processo de aprendizagem das crianças na primeira infância;
- Ressaltar o apoio da equipe multidisciplinar na ponte família-escola;
- Identificar a diferença entre alfabetização e letramento

MARCO TEÓRICO

• ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização e o letramento têm conceitos opostos, aborda-se dois métodos diferentes que ocorrem de maneira independente. O primeiro sendo o Alfabetizar é capaz de tornar a pessoa capaz de ler e escrever, o segundo é letramento que faz a utilização social da leitura e da escrita.

Neste caso a pessoa pode ser alfabetizada e não letrada, pode saber ler e escrever e não desenvolver práticas de leitura e da escrita, assim como não ler jornais, revistas, artigos, tenho dificuldade de escrever uma carta, considerada assim um sujeito alfabetizado e não letrado.

A prática do letramento envolve em utilizar a leitura e a escrita de uma maneira diferente da simples atuação do ler e escrever como ocorre na codificação e a decodificação, pois retrata o uso da leitura e da escrita em contextos sociais. Desta maneira, o letramento é uma sustentação, já que ambos unidos são essenciais na interação

e comunicação do indivíduo. A alfabetização conseqüentemente, deve ser observada e analisada pela pessoa como técnica para abranger as práticas e uso da língua escrita.

Esse caso certifica a relevância do papel fundamental que a escola tem de incluir, desde o início o universo da prática letrada na vida da criança, para que junto com ela estejam no domínio da leitura e da escrita a partir da integração dos padrões de comunidade da leitura e escrita.

Portanto, o destaque do letramento para a norma de alfabetização, se dá por meio do alfabetizar num ponto de vista do letramento. Ambos sendo trabalhados em conjunto cada um com sua particularidade.

• **EDUCAÇÃO INFANTIL**

A educação infantil é uma das fases mais importantes no desenvolvimento ético, social, motor, intelectual, emocional do indivíduo, desde pequenas as crianças são imersas em um contexto de modalidades educativas, sendo elas em parcerias entre família e comunidade escolar.

Segundo Kuhlmann, (2003) pode-se falar de Educação Infantil em um sentido bastante amplo, envolvendo toda e qualquer forma de educação da criança na família, na comunidade, na sociedade e na cultura em que viva. Para o autor, a Educação Infantil é caracterizada no Brasil a faixa etária denominada de 0 a 5 anos, fica ciente que nessa faixa etária não é obrigatório a ida das crianças a escola, porém sendo de fundamental importância para a autonomia da criança a ida a escolar, estar em contato com crianças da sua idade, com o professor, só engrandece a vida do indivíduo.

Sendo a Constituição de 1988 que decreta de forma clara a responsabilidade do Estado com a educação de crianças de 0 a 5 anos em creches e pré-escolas sendo como educação não obrigatória e compartilhada com a família (art. 280, inciso IV).

O processo histórico de um longo período de adaptação sobre o conceito de infância e desenvolvimento infantil. Com o passar do tempo, a contribuição sobre o desenvolvimento humano houve modificações, o tempo da infância hoje já não é mais definido pela condição biológica e sim mais uma etapa de desenvolvimento humano que envolve aspectos ideológicos e culturais.

De acordo com Lima (2009, p.27), as crianças, desde pequenas devem ser estimuladas no desenvolvimento de sua autoestima, autonomia e cidadania, pois como seres sociais, tornam-se pertencentes a uma classe social que apresenta uma linguagem decorrente das relações ali estabelecidas.

Sendo assim, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BCNN) declara a entrada na creche ou na pré-escola significa, por vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. A BCNN tem a proposta de seis diretos de aprendizagem, sendo eles o conviver, brincar, participar, explorar, expressar e o autoconhecimento.

- **A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR**

A aprendizagem escrita necessita de um exercício de atenção e esforço tanto do professor quanto do estudante, nesse limiar de aprendizagem o professor é o transmissor de conhecimento da escrita, sendo ele próprio quem ensina a desenhar e a construir as palavras. De acordo com Vygotsky (1984),

no processo de desenvolvimento, a criança começa usando as mesmas formas de comportamento que outras pessoas inicialmente usaram em relação a ela. Isto ocorre porque, desde os primeiros dias de vida, as atividades da criança adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, refratadas através de seu ambiente humano, que a auxilia a atender seus objetivos. Isto vai envolver comunicação, ou seja, fala. Com eles a personalidade está a descobrir sistemas de representações anteriores que facilitam a compreensão do conjunto de representação do que é a língua escrita.

Para Vygotsky os gestos da criança estão ligados à origem dos signos escritos, o primeiro deles são os rabiscos e desenhos das mesmas são vistos mais como gestos do que como desenhos em sua essência onde são impressas nesses desenhos as qualidades gerais do objeto ilustrado, o segundo gesto de atividades resulta nos jogos das crianças que advém da união entre gestos e linguagem escrita, pois é por meio da brincadeira que a criança se comunica e indica o significado dos objetos integrantes da brincadeira, pois estes cumprem função de substituição e somente os gestos adequados conferem a eles os significados.

A criança aprende por meio da brincadeira é uma premissa da Educação Infantil. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.27).

Pois através dela, o professor elabora atividades para atender a faixa etária de acordo com o conteúdo a ser visto. Há muitas opções de elaborações dessas atividades que contribuem para o ensino aprendizagem da criança. Na brincadeira, gestos, sinais, objetos, e o espaço tem um grande valor contextual que transpassa através do brincar, a criança tem por si só tem a oportunidade de lidar com as relações dela mesma e dos outros.

No brincar há uma grande fonte de aprendizagem e de desenvolvimento que favorece a criança há habilidade de adquirir conhecimentos e prática no contexto da escrita, cognição, valores e do viver em sociedade. Segundo Vygotsky, através do brinquedo o sujeito aprende a agir numa esfera cognitivista, sendo livre para determinar suas próprias ações”. A brincadeira estimula a curiosidade e a autoconfiança, proporcionando desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção. (VYGOTSKY *apud* KISHIMOTO, 1998, p.51)

O brincar é algo tão simples e tão natural na vida de uma criança, que não haveria como entender sua vida sem brinquedo. É preciso salientar, no entanto, que não é apenas uma atividade natural. É, sobretudo, uma atividade social e cultural. Desde o início, o brinquedo é uma forma de relacionar-se, de estar com os amigos, de encontrar o mundo físico e social. Para Froebel *apud* Kishimoto (pg. 98);

Brincar é a fase mais importante da infância - do desenvolvimento humano neste período - por ser a autoativa representação do interno - a representação de necessidades e impulsos internos. A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo - da vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo... A criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do seu bem e de outros... Como sempre indicamos, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação. (Froebel, 1912c, p. 55).

Sendo assim o brincar é uma ação social não separada do mundo real. Mesmo que envolva situações imaginárias, como costumamos chamar de faz de conta. Professores voltados à educação infantil devem nutrir a escuta e a fala das crianças, porque são instrumentos importantes de dar sentido ao mundo.

METODOLOGIA

Para alcançar os resultados acerca da problematização exposta neste trabalho será realizada pesquisa bibliográfica e estudo de caso, acompanhado por uma turma de 5 anos de uma escola bilíngue na cidade de João Pessoa, Paraíba. Foram escolhidos autores renomados como Vygotsky e Kuhlmann, que enfatizam o brincar sob o aprendizado cognitivo, social, psicológico, ético, emocional de um estudante, neste caso em estudo as crianças. Assim como, documentos com os direitos reconhecidos, instituída pela Lei de Diretrizes e Bases de n. 9.394/96, assegurando no artigo V oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino.

O estudo deste trabalho será baseado na prática de estratégias de ensino, como por exemplo, ferramentas planejadas e executadas em sala de aula para crianças de 5 anos de idade em salas de aula na disciplina da língua inglesa. As ferramentas da pesquisa vêm auxiliar os professores numa análise de compreensão a respeito de que tipo de estratégia de atividades lúdicas que contribuem na escrita e na leitura.

VOCÊ SABIA? (CURIOSIDADES)

Atualmente, desde cedo observamos crianças e até mesmo bebês manuseando livros, contemplando ilustrações como também as letras, passando aleatoriamente as páginas, como se compreendessem a leitura, é assim que inicia a formação de um leitor. No momento em que se escolhe trabalhar com crianças menores de três anos, é preciso atenção e cuidado na introdução desse mundo letrado, com isso é natural vislumbrarmos dentro de sala de aula crianças escolhendo um livro de leitura casual, ainda assim as imagens nessa faixa etária passam uma leitura visual de um contexto da história do livro, o simples segurar de um lápis e oferecer a criança um pedaço de papel para que ela explore autonomicamente a escrita e ao professor o acompanhamento.

Uma criança que compreende quando o adulto lhe diz “olha o que a fada madrinha trouxe hoje!” está fazendo uma relação com um texto escrito, o conto de fadas: assim, ela está participando de um evento de letramento (porque já participou de outros, como o de

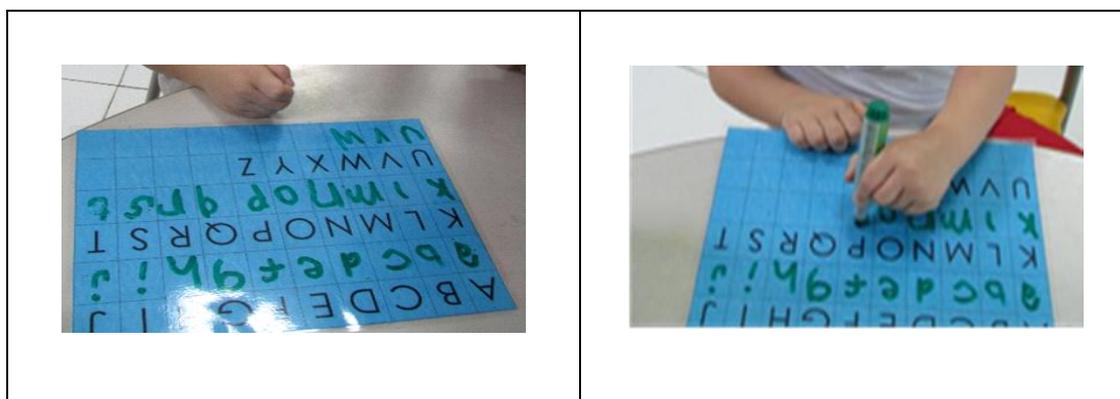
ouvir uma historinha antes de dormir); também está aprendendo uma prática discursiva letrada, e, portanto, essa criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever. (KLEIMAN, 1995, p. 18).

A assimilação de uma língua não é apenas conhecer letras, palavras, mas é sobretudo distinguir os significados que expressam as várias formas como as pessoas vivem, interpretam e representam a realidade. A escrita é presente de diversas variáveis cumprindo denominadas finalidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As orientações de proposta didática para o discente, como professor, orientador e mentor de sala de aula que conduzirá essas crianças a um futuro confiante e seguro da visão educacional e a família como chave de suporte, aqueles que acompanham desde o princípio até a formação acadêmica.

Práticas metodológicas de ensino e aprendizagem na Educação Infantil favorecem as crianças de maneira simples e lúdica contribuindo para que o conhecimento seja de receptivo



Exemplos da atividade plastificada do alfabeto maiúscula

A segunda atividade é disponibilizada para as crianças bandejas brancas e nela contidas areia colorida preparada antecipadamente, para facilitar e contribuir para a criança colocar no centro da mesa cartões do alfabeto maiúsculo e em outro momento o alfabeto minúsculo onde elas desenharam com o dedo indicador na areia a letra escolhida por elas. Essa atividade contribui na autonomia da criança e facilita assim o reconhecimento das letras.



Exemplo de atividades com areia colorida em uma bandeja branca

Na terceira atividade são oferecidas as crianças um pedaço de papel branco, lápis hidrocor e o nome delas escrito no papel de caligrafia de tamanho grande feito pelo professor, nesse exercício a proposta de utilizar o lápis hidrocor é que não haja a possibilidade de apagar, por esse motivo o professor acompanhará todo o processo da criança sem erros, sem correções, elas irão escrever por meio da observação. Para finalizar, no término do ano letivo é criado pelo professor um livro de cada escrita da criança onde os pais perceberam a progressão do início do ano até o término dele.



Exemplo de atividades com papel branco e o papel escrito em caligrafia com o lápis hidrocor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse artigo foi apresentar metodologias práticas voltadas ao letramento na primeira infância na Educação Infantil, como resultado apresentaremos exemplos de atividades que contribuem ao desenvolvimento da criança no aspecto da leitura e da escrita. Esse trabalho apresenta alguns instrumentos aplicados nos determinados momentos em sala de aula auxiliando assim os professores na rotina de sala

de aula. Para o professor que enfrenta essa realidade é uma ótima alternativa para aplicação em classe.

É importante que a coordenação pedagógica, juntamente com os professores e a família trabalhe nessa formação, acompanhando esse processo de aprendizagem da criança, sabendo-se que cada desenvolvimento é único e visando o progresso da criança.

É fundamental a observação das crianças pelo professor em sala de aula, como também nos espaços externos, no que diz respeito a atitude das crianças em relação a interação. É um desafio ao professor, mas é possível, e o resultado é uma constante transformação diária. Segue alguns exemplos de atividades realizadas durante a rotina das crianças, são aplicadas em momentos de 30 minutos. A primeira atividade é preparada antecipadamente e impressa com o alfabeto em maiúsculo em seguida plastificada, oferece a criança a caneta de quadro que é super prática de apagar com seguida, para reutilização. Essa atividade contribui com a autonomia da criança e observação do professor. Não é necessário a correção e sim o acompanhamento rotineiro, por isso é importante que o professor tenha um caderno de anotações com o nome de cada criança para que escreva os pontos vistos em cada atividade com cada criança.

REFERÊNCIAS

Brasil. Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

KLEIMAN, Ângela B. O que é Letramento. In: KLEIMAN, Ângela B.(Org.). Os significados do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KISHIMOTO, M. Tizuko. O Brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 1998.

LIMA, Souza Elvira. Brincar Para quê? São Paulo: Inter Alia Comunicação e Cultura, 2009.

PROJETOS PEDAGÓGICOS DINÂMICOS. A educação infantil e BNCC, 2017. Disponível em: <http://ppd.net.br/educacao-infantil-e-a-bncc/>. Acesso em: 06 out.2020

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e Alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

VYGOTSKY, Lev. A pré-história da linguagem escrita in *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.140 – 157.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. *A formação social da mente*. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, através das propostas pedagógicas sugeridas neste trabalho, percebemos que o professor pesquisador promove mudanças significativas no contexto escolar, tendo em vista os possíveis benefícios intelectuais e sociais dos sujeitos por meio da construção do conhecimento adquiridos nas pesquisas, em equipe, de forma colaborativa e crítica, bem como a mediação pedagógica de maneira lúdica, criativa e planejada didaticamente.

Nesse sentido, as experiências educacionais apresentadas neste volume possibilitam discussões acerca das metodologias utilizadas pelos docentes da Educação Básica e sugerem atividades dinâmicas, pautadas nos documentos oficiais que orientam as práticas pedagógicas, para o desenvolvimento das competências e das habilidades dos discentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

Dessa maneira, essa obra proporciona diálogos entre teoria e prática nas diferentes situações educacionais, em várias modalidades de ensino, orientando e incentivando os leitores a respeito de propostas metodológicas inovadoras, como jogos, brincadeiras e recursos tecnológicos digitais para viabilizar a aprendizagem das crianças em fase de desenvolvimento motor e identitário.

Assim, compreendemos que o processo o desenvolvimento de ensino-aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens são potencializados quando os envolvidos em práticas sociais relacionadas à linguagem, à interação em sociedade através dos jogos educativos, das contações de histórias, de metodologias lúdicas e de projetos de letramentos no contexto escolar.



ISBN 978-65-5886-012-9

